



Articulação é chave para oportunidades no RS

Diretora do Tecnopuc, Flavia Fiorin afirma que Estado não pode se limitar ao papel de usuário das tecnologias locais



Gabriel Margonar
gabrielm@jcrs.com.br

O potencial de desenvolvimento da Região Metropolitana passa pela capacidade de transformar conhecimento em inovação e articular os diferentes atores do ecossistema gaúcho.

A avaliação foi feita pela diretora do Tecnopuc, Flavia Fiorin, durante o painel do Mapa Econômico do Rio Grande do Sul, promovido pelo Jornal do Comércio na quinta-feira, 18 de junho, em Porto Alegre.

Realizado no Teatro CIEE-RS Banrisul, o debate sobre os desafios e oportunidades da Macrorregião Metropolitana reuniu ainda o diretor-geral de Celulose da CMPC no Brasil, Antonio Lacerda, e o diretor-geral da Santa Casa de Porto Alegre, Jader Pires. A mediação foi do editor-chefe do JC, Guilherme Kolling.

Ao abordar o papel da inovação no desenvolvimento re-

gional, Flavia destacou que a principal riqueza do Rio Grande do Sul está nas pessoas formadas pelas universidades e centros de pesquisa.

“Quando a gente fala das potencialidades do Rio Grande do Sul, sempre aparece a universidade. Mas a universidade somos nós. São os talentos que geramos”, afirmou.

Segundo ela, embora a tecnologia seja um componente importante, a inovação tem como principal ativo o capital humano. “Nunca se falou tanto em capital humano. A tecnologia é um meio de inovar, mas não é o fim em si mesma”, observou.

Para a dirigente, cenários de maior complexidade costumam abrir espaço para novas oportunidades. Ela citou áreas como semicondutores e a instalação de data centers como exemplos de segmentos nos quais o Estado reúne vantagens competitivas.

“O Rio Grande do Sul tem disponibilidade de energia, matriz limpa, condições climáticas e uma combinação de capacidades que criam oportu-

nidades únicas”, disse a diretora do Tecnopuc.

Flavia ressaltou que os data centers não devem ser vistos como empreendimentos isolados, mas como estruturas capazes de impulsionar uma cadeia de empresas de tecnologia. “A gente não pode se posicionar nesse cenário como meros usuários de tecnologia. Temos tecnologias sendo desenvolvidas aqui, dentro das nossas universidades e centros de inovação”, completou.

Ao longo do painel, a diretora do Tecnopuc defendeu que nenhuma instituição conseguirá transformar essas oportunidades em desenvolvimento de forma isolada. Segundo ela, universidades, setor produtivo e poder público precisam atuar de forma coordenada para evitar que oportunidades sejam perdidas.

“Uma universidade não faz isso sozinha. Uma empresa também não. A transformação exige convergência. Se cada um olhar para os interesses individuais, a gente corre o risco de ver essas oportunidades escorrerem pelas mãos”, alertou.



TÂNIA MEINERZ/JC

Inovação tem como principal ativo o capital humano, destacou Flavia

Flavia também destacou os impactos da inteligência artificial e a necessidade de preparar profissionais para uma economia cada vez mais baseada em tecnologia. Na avaliação dela, além das discussões sobre produtividade e competitividade, é preciso ampliar a formação em áreas ligadas à ciência, tecnologia, engenharia e matemática.

“Quem vai sentar na mesa para discutir as estratégias dos

próximos ciclos se vemos a formação de engenheiros sendo reduzida no País?”, questionou.

Ao encerrar sua participação, lembrou iniciativas como a Aliança para a Inovação e o Pacto Alegre, que contribuíram para aproximar universidades, empresas e poder público em Porto Alegre. “Quando a gente quer, a gente faz. E quando a gente faz junto, faz melhor ainda”, concluiu.

‘Novo idoso’ exige experiência qualificada no atendimento, diz diretor-geral da Santa Casa

Ana Esteves
economia@jornaldocomercio.com.br

A área da saúde da Macrorregião Metropolitana foi um dos temas do painel do Mapa Econômico do Rio Grande do Sul. Um dos painelistas, o diretor-geral da Santa Casa, Jader Pires, destacou o trabalho da entidade de 223 anos, que teve faturamento de R\$ 2,4 bilhões em 2025, consolidando-se como um dos principais complexos hospitalares do País.

Entre as oportunidades, ele destacou o avanço tecnológico, a formação de profissionais e a transformação do perfil dos pacientes. “A área da saúde passa por uma profunda transformação, impulsionada por uma população cada vez mais informada e participativa. Com acesso facilitado a informações por meio da internet, os pacientes passaram a discutir diagnósticos e tratamentos de forma mais ativa com os profissionais, exigindo uma experiência mais qualificada em toda a jornada de atendimento.”

Outro diferencial apontado

é a capacidade de formação de profissionais, quesito que faz da Santa Casa “um celeiro de talentos para o Rio Grande do Sul”, diz Pires. A instituição também investe em tecnologias de ponta, sendo atualmente a única do Estado a contar com robôs cirúrgicos de última geração que ampliam a precisão dos procedimentos e permitem intervenções menos invasivas.

O envelhecimento da população também é apontado por

Pires como uma oportunidade para reorganizar os sistemas de saúde. A expectativa de vida crescente exigirá novos modelos de atendimento voltados a uma geração de idosos mais ativa e com demandas distintas das atuais, o que chamou de “o novo idoso”.

Para o executivo um dos maiores diferenciais da Santa Casa, o qual ele classifica como oportunidade, é o fato de a entidade ser o hospital que mais

atende média e alta complexidade no SUS do Rio Grande do Sul. “Nós também somos o hospital que atende todas as classes do sistema privado. E eu acredito que este seja um grande exemplo e uma grande oportunidade o que nós construímos como instituição.”

Ao mesmo tempo, a instituição enfrenta desafios relacionados ao subfinanciamento do Sistema Único de Saúde (SUS), à necessidade permanente de investimentos em tecnologia e à crescente inflação dos custos médicos. A Santa Casa estima que os atendimentos prestados pelo sistema público (SUS) gerem um déficit anual de aproximadamente R\$ 190 milhões.

“Ao cumprirmos a missão da Santa Casa, geramos anualmente com o atendimento da população do SUS, R\$ 190 milhões de necessidade de aporte de recurso privado. Ou seja, o SUS nos gera R\$ 190 milhões por ano de prejuízo”, diz Pires. Com receitas privadas, o complexo hospitalar consegue equilibrar os custos.

A constante atualização tecnológica representa outro desa-

fiu. Nos últimos oito anos, a Santa Casa investiu cerca de R\$ 1 bilhão em infraestrutura e equipamentos, recursos viabilizados pelo apoio da sociedade gaúcha, empresas e governos. Manter esse ritmo de modernização, porém, torna-se mais complexo diante das altas taxas de juros e do elevado custo dos equipamentos médicos.

“Também preocupa a alta taxa de juros (Selic) e a inflação específica do setor de saúde. Novos medicamentos e terapias, especialmente na área oncológica, chegam ao mercado com custos significativamente superiores aos tratamentos já existentes, pressionando hospitais e sistemas de atendimento”, diz o executivo.

Mesmo diante desse cenário, a instituição mantém uma visão otimista. Segundo Pires, a combinação entre excelência assistencial, inovação tecnológica, qualificação profissional e planejamento estratégico será fundamental para garantir a sustentabilidade do sistema e continuar oferecendo atendimento de qualidade à população gaúcha.



TÂNIA MEINERZ/JC

Jader Pires salientou a capacidade de formação profissional no RS